

S. 31/01/02

Um mistério que se adensa

Por António Ramos, em Joanesburgo

Hans Low, de 40 anos, um antigo membro dos esquadrões da morte revelou, a passada semana, a um semanário de Joanesburgo, que a morte de Samora Machel e mais 34 passageiros do seu avião não foi acidente, foi crime e ele diz ter pertencido ao grupo de militares que chegou ao local do acidente para fazer a limpeza de provas.

O mistério, que envolve o acidente aéreo de 19 de Outubro de 1986 que vitimou o primeiro Presidente de Moçambique, continua, passados quase dezassete anos, a adensar-se impedindo que sejam afastadas das investigações as nuvens de fumo que não permitem deslindar aquilo que se presume tenha sido um crime do então regime torcinário do "apartheid".

Há pouco mais de duas

semanas, um semanário dominical de Joanesburgo adiantava que o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros do "apartheid", Roeloff Pik Botha, poderia ser ouvido por investigadores do caso. Na altura, Pik Botha disse à imprensa desconhecer qualquer convocatória para ser ouvido. Outras partes interessadas no processo, como a viúva do antigo Presidente, em declarações à BBC, parece não acreditar muito em progressos na investigação sobretudo porque persistem dificuldades em evitar o crime político que acaba por justificar (esquecer) a acção em nome da reconciliação e o homicídio voluntário. Isto é, separar a autoria moral da autoria material do crime.

Nos meos diplomáticos moçambicanos, manteve-se a discrição e um silêncio típi-

co de não comentar apenas o que são até ao momento apenas rumores e sobretudo evitar alimentar as vias especulativas.

As revelações vindas a público no referido jornal citam Low, antigo membro do esquadrão da morte Civil Cooperation Bureau (CCB), organização paga e alimentada pelas estruturas políticas do regime do "apartheid". Adianta que estava munido com mísseis terras-ar para abater o avião se falhasse o falso Voor. Este antigo agente a cumprir uma pena de prisão de 28 anos por homicídio é de origem namibiana, foi em tempo ouvido pela Comissão de Reconciliação e Verdade presidida pelo arcebispo anglicano Desmond Tutu. Na altura, disse não ter conhecimento de qualquer ligação da sua unidade ao assassinato às ordens dos serviços de segurança do antigo Presidente

Machel.

De acordo com o semanário, outro homem ao serviço do "apartheid" terá dito que fez parte do grupo que terá morto Machel.

Edwin Mudingi, antigo Selous Scout da ex-Rodésia e também ex-membro do batalhão de elite sul-africano Brigada 43, garantiu que fez parte do grupo que matou Machel e confirma a presença de Low no mesmo grupo.

O acidente aéreo do Tupolev 134A-3 ao serviço da presidência moçambicana em Outubro de 1986 precisa de ser contextualizado na geopolítica regional e internacional no sentido de serem conduzidas as investigações por partes.

A independência da Namíbia e o segundo mandato da Zanu no Zimbabwe, a morte de Olof Palm, então Primeiro-ministro sueco, o acidente aéreo do avião Heidelberg da South Africa

Airways ao largo das ilhas Maurícias e o assassinato em Montechoro de Sartawi, responsável da OLP pelas relações internacionais, fazem parte de um puzzle complexo. Do lado sul-africano, alguns passos foram dados no sentido de conduzir a investigação do acidente procurando encontrar os autores materiais de um crime de homicídio voluntário de 35 pessoas incluindo o Presidente Machel.

Não existe confirmação de que este processo-crime esteja a cargo da unidade especial "Escorpiões", mas é claro que a procuradoria recebeu em tempo todo o processo de averiguações conduzido pela Comissão da Verdade onde se inclui as declarações de Graça Machel. Este processo poderá estar em marcha a acreditar nas recentes vindas a público de supostos envoltimentos de antigos

agentes de Pretória no assassinato do ex-Primeiro Ministro sueco em Estocolmo em 28 de Fevereiro de 1986 também um ano trágico para Moçambique.

As dificuldades dos investigadores encontra-se sobretudo na frente política que tem impedido um progresso sério na identificação dos possíveis autores materiais da queda do avião. Ao separar a política do processo crime de homicídio, os autores morais do eventual crime (os dirigentes do "apartheid") ficam, por hora, imunes ao longo braço da justiça. Mesmo assim, este parece ser o melhor caminho encontrado para que o mistério seja definitivamente deslindado. Resta saber se vai haver vontade política para deixar a investigação criminal prosseguir. Até lá, tudo ainda não passou de rumores. ■